

UM SONETO INÉDITO DE ALVARENGA PEIXOTO*

Francisco Topa

Como é sabido, foi Rodrigues Lapa¹ quem – dando continuidade aos esforços do cónego Januário da Cunha Barbosa², Joaquim Norberto de Sousa Silva³ e Domingos Carvalho da Silva⁴ – procedeu ao trabalho decisivo de reunião e apuramento textual da obra poética do malogrado inconfidente Inácio José de Alvarenga Peixoto. Chegou assim o grande estudioso da poesia arcádica brasileira a um total de 33 poemas, entre os quais 25 sonetos (5 deles até à altura inéditos).

No entanto, nenhuma edição crítica tem garantido o estatuto de definitiva, correndo sempre o risco de ver algum texto acrescentado, expurgado ou emendado. No prefácio da sua edição da obra de Alvarenga Peixoto, Lapa manifestou-se consciente desse risco, alertando – e até incentivando os investigadores nesse sen-

* Publicado na *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. XV, Porto, Faculdade de Letras, 1998, pp. 439-443.

¹ *Vida e Obra de Alvarenga Peixoto*, edição de M. Rodrigues Lapa; Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1960.

² *Parnazo Brasileiro, ou Collecção das melhores poezias dos poetas do Brasil, tanto ineditas, como ja impressas*, Rio de Janeiro, 1829-1832.

³ *Obras Poeticas de Ignacio Jozé de Alvarenga Peixoto*, Rio de Janeiro, B. L. Garnier, 1865.

⁴ *Obras Poéticas de Alvarenga Peixoto*, São Paulo, Prefeitura do Município de São Paulo / Clube de Poesia, 1956.

tido – para a possibilidade de aparecimento de novos poemas. É precisamente o que faremos neste artigo, dando a conhecer um soneto inédito do autor em causa.

A fonte testemunhal é o Ms. 542 do Fundo Manizola da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora. Intitulado «Collecção/ de varias obras poeticas/ dedicadas/ ás Pessoas de bom gosto/ por/ Henrique de Brederode», este manuscrito – que não se encontra datado – reúne matéria poética da segunda metade do século XVIII. Para além do soneto que daremos a conhecer, esta miscelânea inclui outros poemas de Alvarenga Peixoto já publicados, parte dos quais apresenta variantes com interesse que serão objecto de outro trabalho nosso nesta mesma revista.

Iniciado pelo verso «Chia de dia pela rua o carro», o soneto figura na p. 131 do manuscrito referido, vindo, no final da página, como indicação de autoria, a inscrição “Alvarenga”. Apresentamos de seguida a nossa proposta de edição, deixando para depois um comentário mais circunstanciado. Actualizámos a ortografia e a pontuação, respeitando contudo todos os aspectos característicos da época ou correspondentes ao *usus scribendi* do autor. No próprio corpo do poema virão assinaladas duas propostas de emenda: em ambos os casos, trata-se de supressões conjecturais, assinaladas por chavetas. No final do poema, em rodapé, virão as variantes de pontuação que decidimos alterar, e, logo depois, as justificações das emendas conjecturais, o glossário e um breve apontamento sobre a versificação.

Chia de dia pela rua o carro,
Tine de noute da corrente o ferro;
Aqui me estruge do soldado o berro,
Acolá {me} ronca do oficial o escarro.

5 Uns trabalham na cal, outros no barro,

Fugiu a vadiação, pôs-se em desterro;
O soldado ali faz justiça ao erro,
E a cada canto com galés esbarro.

Não há milho, feijão, não há farinha,
10 O ro{n}ceiro de medo a tropa arreia,
A nova lotaria se avizinha.

Vê-se a porta de mendigos cheia,
E perguntada a causa desta tinha,
Toda a gente me diz: «– Faz-se a cadeia».

4. escarro.] escarro:

6. desterro;] desterro:

10. arreia,] arreia

12. cheia,] cheia

13. tinha,] tinha

Justificações

4. Trata-se seguramente de um erro cometido pelo copista, por analogia com o verso anterior. A sintaxe de regência de *roncar* não autoriza o uso deste pronome, cuja presença criaria, além disso, dificuldades métricas. Com esta supressão, e admitindo a existência de uma sinérese no final de *oficial*, a métrica fica também regularizada.

10. Supomos tratar-se igualmente de um lapso de cópia. A não ser assim, não conseguiríamos vislumbrar o sentido do verso.

Glossário

3. Estrugir – atroar.

10. Roceiro – o que faz e planta roçados.

Tropa – caravana de animais equídeos, especialmente os de carga.

13. Tinha – designação comum a várias espécies de infecções cutâneas fúngicas; no contexto, supomos que o termo surge numa acepção mais genérica de *peste*, *epidemia*, no seu sentido conotativo.

Versificação

Esquema rimático: ABBA / ABBA / CDC / DCD.

Acentuação: os decassílabos sáfico e heróico estão equilibrados. São sáficos os vv. 1-4, 8, 12 e 13, e heróicos os restantes.

Apesar da ausência de uma epígrafe esclarecedora, é muito claro que o soneto se refere à construção de uma cadeia. Admitindo que ele tenha sido escrito em Minas Gerais, parece-nos bastante plausível que se refira às obras de construção da cadeia de Vila Rica, iniciadas em 1784, sob o comando do Governador Luís da Cunha Meneses.

A ser assim, podemos aproximar o soneto de um outro texto literário da época que discute amplamente essa edificação. Trata-se da conhecida sátira *Cartas Chilenas*, cuja autoria foi durante muito tempo controversa – tendo chegado inclusive a ser proposto o nome de Alvarenga Peixoto –, sendo hoje bastante pacífico admitir que a obra tenha sido escrita pelo portuense Tomás António Gonzaga. Desconhece-se a data exacta da sua composição, mas é provável que ela seja pouco posterior à partida do grande visado na sátira, o Governador Cunha Meneses, ocorrida a 11 de Julho de 1788.

É nas cartas 3.^a e 4.^a que o tema da construção da sumptuosa cadeia ocupa a atenção de Critilo. Mas já na carta anterior, numa curta passagem de cunho mais intimista, se encontra provavelmente uma referência às obras da cadeia. Critilo diz-se incapaz de conciliar o sono, apresentando uma descrição dos ruídos das obras bastante próxima daquilo que encontramos no soneto de Alvarenga Peixoto:

«Segunda vez o sono já tornava,/ quando o estrondo percebo de outro carro;/ outra vez, Doroteu, o corpo volto,/ outra vez me agasalho, mas que importa?/ Já soam dos soldados grossos berros,/ já tinem as cadeias dos forçados,/ já chiam os guindastes, já me atroam/ os golpes dos machados e martelos/ e, ao pé de tanta bulha, já não posso/ mais esperança ter de algum sossego» (II, vv. 46-55)⁵.

Mas é nas duas cartas seguintes que o tema é focado mais de perto, inserido na estratégia de denúncia da prepotência do governador, o *Fanfarrão Minésio*. Na primeira delas, Critilo começa por condenar a sumptuosidade da obra: «Pertende, Doroteu, o nosso chefe/ erguer uma cadeia majestosa,/ que possa escurecer a velha fama/ da torre de Babel e mais dos grandes,/ custosos edifícios que fizeram,/ para sepulcros seus, os reis do Egipto» (III, vv. 66-71), claramente desproporcionada face à pequenez do meio: «Verás se pede máquina tamanha/ humilde povoado, aonde os grandes/ moram em casas de madeira a pique» (III, vv. 88-90).

Um primeiro aspecto de convergência entre a abordagem de Critilo e o soneto de Peixoto diz respeito à notícia da grande quantidade de mão-de-obra utilizada e à sua origem. Claro que, nas *Cartas Chilenas*, o autor utiliza um tom de denúncia que está ausente do soneto: «Os néscios comandantes e o bom cabo,/ que fez o nosso herói geral meirinho,/ remetem, nas correntes, povo imenso./ Parece, Doroteu, que temos guerras;/ que, para recrutar as companhias,/ de toda a parte vêm chorosas levas» (III, vv. 221-226). Quanto à origem desses trabalhadores forçados, Critilo sublinha que, ao lado dos escravos foragidos, são utilizados todos aqueles que caem na subjectiva categoria dos vadios: «Ao bando dos cativos se acrescentam/ muitos pretos já livres e outros homens/ da raça do país e da europeia,/ que,

⁵ Servimo-nos da segunda edição preparada por Rodrigues Lapa: *Obras Completas de Tomás Antônio Gonzaga – I: Poesias; Cartas Chilenas*, edição crítica de M. Rodrigues Lapa; Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura – Instituto Nacional do Livro, 1957.

diz o grande chefe, são vadios/ que perturbam dos povos o sossego» (III, vv. 144-148).

Outros aspectos focados no soneto e nas *Cartas* são os problemas da alimentação e das doenças. Sobre este último, diz Critilo na carta seguinte, uma vez mais em tom de denúncia: «O calor da estação e os maus vapores/ que tantos corpos lançam, mui bem podem/ empestar, Doroteu, extensos ares./ A pálida doença aqui bafeja,/ batendo brandamente as negras asas» (IV, vv. 126-130).

Como se vê, cada um dos textos aproximados aborda o tema numa perspectiva própria. Ainda que o último terceto do poema de Alvarenga Peixoto pareça traduzir um distanciamento crítico pontuado de alguma ironia, não poderíamos esperar dele a mesma virulência que se encontra nas *Cartas Chilenas*. De resto, não podemos esquecer que, conforme mostrou Rodrigues Lapa, Peixoto devia alguns favores a Cunha Meneses, a começar pela nomeação para coronel do 1.º regimento de cavalaria da Campanha do rio Verde.